

**PARA ALÉM DO SIGNIFICADO DE
AUMENTATIVO DO SUFIXO -ÃO**

Alice Pereira Santos (USP)
alicesantos@usp.br

INTRODUÇÃO

Em muitos manuais de morfologia bem como em gramáticas tradicionais de língua portuguesa, é comum ver o sufixo *-ão* sendo apresentado simplesmente como formador de aumentativos. Ainda que esses materiais descrevam a versatilidade desse sufixo, que pode se unir a bases nominais, adjetivais e verbais, a análise quanto ao significado conseguido após o processo derivativo é sempre o mesmo.

É inegável que o aumentativo é a principal função desse elemento formativo. Apesar de haver outros sufixos que apresentem essa mesma função, como *-aço*, *-uço*, *-arro(a)*, *-orro(a)*, esses não parecem concorrer, efetivamente, com o *-ão*. Esse ponto será mais bem discutido na Seção 4.

Sabe-se, no entanto, que o afixo *-ão* é mais complexo, podendo apresentar diferentes significados e traços avaliativos (positivos e negativos). Basta fazer um rápido e pequeno inventário das palavras sufixadas em *-ão* para verificar esse fato. Desse modo, o vocábulo *chorão* não designa aumentativo e sim denota valor semântico *agente*, podendo ser interpretado como “*aquele que chora muito*”. Também não podem ser lidas como aumentativos as palavras da sequência: *cidadão* (habitante da cidade), *brigão* (que ou quem tende a se envolver em brigas), *rasgão* (ato ou efeito de rasgar), *folião* (que ou aquele que participa de folias), *coimbrão* (relativo a Coimbra (Portugal) ou o que é seu natural ou habitante).

Interessa saber, pois, se os valores semânticos apontados acima seriam fruto da polissemia do sufixo, que ao longo do tempo foi incorporando esses significados em português, ou se indicariam uma possível homonímia do *-ão*. Ou seja, o afixo pode apresentar a mesma forma gráfica e fônica, sincronicamente, porém, se filia a origens distintas. Isso explicaria a presença de significados tão diversificados.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Antes de dar continuidade à análise, é necessário esclarecer alguns pontos metodológicos nos quais esta pesquisa se circunscreve. Este estudo se apoia em pesquisas de cunho diacrônico sem, contudo, esquecer de questões sincrônicas importantes. Isso significa que a presente pesquisa busca dados históricos que ajudam a explicar o processo de formação dessas palavras, bem como auxiliam a elucidar alguns significados adquiridos pelo sufixo ao longo do tempo.

Como se sabe, o produto conseguido pelo processo derivativo reflete os significados da base e do afixo utilizado. Assim, há que se considerar três seguimentos de significado: base, afixo e produto (palavra derivada). Importa analisar, nesse estudo, o valor semântico do sufixo em questão. Por isso, os significados que sejam resultado de processos semânticos (metáfora, metonímia, elipse etc), os quais tem como ponto de partida a palavra já derivada, não são o objetivo desse trabalho, muito embora, pontos como esses serão comentados ao longo do trabalho. Assim em *peixão*, por exemplo, o valor semântico que será considerado e analisado é “peixe grande” e não o significado “mulher bonita e de corpo exuberante”. Significados muito semelhantes a este vão aparecer também em *pancadão*, *avião* e *violão*.

Outra preocupação desse estudo é quanto à descrição dos processos morfológicos em conformidade com a datação da base e da palavra derivada. Um caso que pode ser citado como exemplo dessa postura é o que ocorre com o vocábulo *trancão*. A acepção desse verbete aponta para “*tranco mais violento, forte ou intenso*”. Então, seria natural e possível a criação da paráfrase “X intenso”, em que X, designa a base. Entretanto, ao analisar a datação da base, vê-se que esta é posterior a datação encontrada para o produto derivado. A palavra-base é abonada no século XV e a derivação já existiria no século anterior (XIV). Desse modo, não se pode afirmar, do ponto de vista diacrônico, que esse vocábulo seja decorrente da junção de *tranco* + *-ão*. Todavia, isso não impede que, sincronicamente, esse processo derivacional possa ser explicado dessa forma.

Esse procedimento é importante para que não se crie interpretações indevidas, falseando, assim, o processo e percurso derivativo. Se se tomar o vocábulo *mandrião*, que possui datação mais precisa - 1716, vê-se que novamente é possível construir “*aquele que mandria*”. Porém, o verbo *mandriar* está datado em 1789, assim como ou-

tras palavras de mesma raiz, *mândria* (1881) e *mandriice* (1817-1819), possuem datações posteriores a *mandrião*. Sendo assim, é possível que esta palavra tenha vindo de outra língua e, em seguida, dado origem às outras, ou ainda ter sido formada no português e, posteriormente, ter derivado as demais.

1. Origem do sufixo -ão

O morfema *-ão*, de acordo com Said Ali (1964, p. 56), originou-se a partir dos substantivos terminados em *-o*, acusativo *-onem*. Essa formação, usada geralmente na linguagem familiar, prestava-se a fazer referência a pessoas, individualizando-as, ressaltando uma característica ou um traço marcante. O estudioso Tekavičić (1980, p. 192-193) foi mais específico ao afirmar que a individualização conseguida com o emprego desse morfema, geralmente, tomava como base uma parte do corpo ou um hábito comum. Assim, a ideia de grandeza já estaria presente nesse tipo de formação.

No *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, Nunes (1945) separa os sufixos de acordo com sua proveniência entre latinos e não latinos, dividindo-os também segundo a classe gramatical. Esse autor apresenta o *-ão* em duas seções, uma dedicada aos aumentativos e outra dedicada aos adjetivos, embora reconheça que este afixo também forme substantivos. Ao primeiro associa o étimo *-onem* e ao segundo *-anu*.

Joseph Huber, em sua *Gramática do Português Antigo* (1933, p. 272-274), adota o mesmo procedimento, separando o sufixo conforme sua origem. Remonta de *-anu* > *-ão* ou *-am*, associando a ideia de pertença e dá como exemplos desse caso as palavras: *vilão* e *solorgião*. A partir de *-one* forma *-on* e aponta, além de seu valor aumentativo, o significado essencialmente pejorativo desse elemento formativo, visto nas palavras: *citolon* (citola/ cítara desafinada) e *jogaron* (um mau jogar/jogral).

Esse morfema deixou herança fértil nas românicas, aparecendo no espanhol (*-ón*), catalão (*-ón*), francês (*-on*) e italiano (*-one*), alterando um pouco os valores semânticos a ele associados. Alvar e Pottier (1983, p. 375-376) apontam que, por ter o *-ão* um caráter in-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

dividualizador, podendo ser valorativo ou depreciativo²⁷, em algumas línguas pode formar o diminutivo. Isso ocorre no francês, catalão e alto aragonês.

Rio-Torto (1998, p. 163) indica que o valor diminutivo também aparece no português, dando continuidade a um valor primitivo do *-nem* latino, como em *cordão*, por exemplo. Mas ressalta que, em grande parte dos casos, essa noção não é, sincronicamente, muito transparente. Em outros casos, as palavras apresentam significados bastante específicos, por isso também não possuem grande produtividade.

Nunes (1945, p. 394) chama a atenção também para o fato de, muitas vezes, a ideia de grandeza culminar no significado de posse. Isso aproxima o *-ão* do sufixo *-udo*, o qual também apresentando essa noção de posse; deposita um traço aumentativo e se associa a partes do corpo. Assim, *barbarão* designa “*indivíduo que tem barba vasta*”. Já em *memorião*, há além do valor de posse, o traço melhorativo associado à palavra, significando “*indivíduo que tem boa memória*”.

Como se viu, em manuais de morfologia é frequente a filiação do *-ão* aos sufixos latinos *-nem* e *-anus*, o primeiro ligado ao aumentativos e o segundo aos valores relacionais. Mas, o percurso desse afixo não é tão assente, uma vez que muitas terminações no português arcaico acabaram convergindo em *-ão*. Além disso, palavras estrangeiras parecem também ter seguido o mesmo caminho.

Em *Do Latim ao Português*, Edwin Williams (1975, p. 180-184) discute a problemática das terminações *-am*, *-om* e *-ão* em português arcaico. Para o autor, essas sequências eram pronunciadas da mesma forma, já na metade do século XV, uma vez que rimavam entre si nas cantigas do Cancioneiro Geral. Mas admite não ser possível determinar exatamente quando teria iniciado esse processo de fusão: “*(...) há evidências de que principiou pelo século XIII*”. Ainda segundo o autor a tendência de fusão teria sido iniciada nos verbos (flexão de terceira pessoa do plural) que, em seguida, teria acometido também as terminações nominais.

²⁷ Esses valores (positivo/ negativo) certamente devem variar por influência dos significados dados pela base da palavra derivada.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Já no caso de vocábulos de outras línguas, nota-se certa regularidade. Em palavras adaptados da língua malaia, por exemplo, as terminações *-ong*, *-ang* e *-an* foram, em grande parte, convertidas em *-ão* no português.

Terminação	Malaio	Português
-ong, -ang	<i>báchong</i>	<i>bachão;</i>
	<i>jagong</i>	<i>jangão</i>
	<i>búyong</i>	<i>boião</i>
	<i>Kúpang</i>	<i>cupão</i>
-an	<i>baláchan</i>	<i>balchão</i>
	<i>kampilan</i>	<i>capilão</i>
	<i>mangistan</i>	<i>mangostão</i>

Tabela 1- Palavras da língua malaia

Adaptação semelhante pode ser vista em palavras vindas do árabe. Terminações em *-am* ou *-an*, *-um* ou *-un*, acentuadas ou não, passaram pelo mesmo processo. Pode-se verificar esse fato na tabela a seguir:

Terminação	Árabe	Português
-am, -an	<i>al-qatran</i>	<i>alcatrão</i>
	<i>sultán</i>	<i>sultão</i>
	<i>qáim maqám</i>	<i>caimação</i>
-um, -un	<i>natrún</i>	<i>natrão</i>
	<i>al-qutun</i>	<i>algodão</i>

Tabela 2- Palavras da língua árabe

A fusão de formas que culminaram em *-ão* no português antigo, somada a convergências de terminações de outras línguas que também apontam para essa mesma sequência devem ser consideradas na análise do sufixo, já que é possível que estes fatos o tenham influenciado

2. Análise dos dados

Tomou-se como base inicial para o estudo dos derivados em *-ão*, os verbetes do *Dicionário Eletrônico Houaiss*. A busca foi feita a partir de palavras que possuísem esta terminação.

Muitos verbetes foram descartados, uma vez que se constatou que a terminação não se configurava de fato em sufixo. Para exemplificar tal procedimento, pode-se citar: *matacão*, *lobecão*, *docidão*, *solidão*, *amplidão*. Os três últimos exemplos foram excluídos, porque refletem outro sufixo, o *-idão*. Já em *matacão* e *lobecão* tem-se não uma derivação, mas sim composição, no primeiro caso por justaposição e no segundo por aglutinação.

As palavras analisadas passaram por uma seleção, em que o filtro se baseava na frequência de uso. Assim, fazem parte do *corpus* desse estudo parte dos verbetes derivados em *-ão* do Dicionário Houaiss²⁸ que apresentam maior frequência de uso²⁹.

Essas palavras foram analisadas quanto ao valor semântico agregado pelo sufixo. Os valores foram divididos nos grupos, que serão apresentados a seguir.

3. Ação ou resultado de ação

Nesse grupo constam as paráfrases para *nomina actionis* das quais se encontram: “o fato de X^v”, “ação de X^v”, “processo de X^v”, “golpe praticado com X”, “golpe praticado em X”. Aqui cabem vocábulos como: *esticão*, *beliscão*, *pregão*, *rasgão*, *arranhão*, *rebelião*, *união*, *abanão*, *raspão*, *estirão*, *encontrão*, *pisão*, *furtão*, *puxão*, *caçação* e *estremeção*.

Muitas dessas palavras podem ser interpretadas tanto como o nome da ação quanto o resultado dessa ação, sobrepondo esses significados, como se pode ver na definição de *beliscão*, *rasgão* e *raspão*, por exemplo. São todas descritas como “ação ou efeito de X”.

É interessante comentar também que esses valores aparecem em grande quantidade no Dicionário Houaiss, porém, após a seleção feita a partir da frequência de uso, restaram menos 20 vocábulos. Por isso, a fim de realizar comparações com estudos a respeito do ele-

²⁸ Diz-se alguns verbetes do Dicionário, já que a análise das palavras terminadas em *-ão* não foi concluída.

²⁹ A frequência de uso foi média por meio de pesquisas realizadas em sites de busca escritos em português.

mento formativo -ão, em alguns momentos, serão tomados como exemplos vocábulos que estão ausentes da lista dos mais frequentes, já que os estudos existentes não fazem esse tipo de seleção.

Os *nomina actionis* são descritos por Rio-Torto como *heterocategoriais*, pois a partir de bases verbais formam substantivos. Ela os descreve como deverbais que nominalizam o evento, ação ou processo. Essa análise parece caber nos dados analisados, ainda que em alguns casos o dicionário aponte a derivação a partir de bases substantivas, como ocorre em *arrancão* (*arranco* + -ão). Desse modo, o sufixo não teria se unido a uma base verbal, mas a um substantivo verbal. Nesse caso, seria possível resolver a dúvida considerando a datação das palavras, mas *arrancão* é umas das muitas palavras do dicionário que não possuem abonação.

No entanto, nos casos em que o sufixo apresenta valor de golpe “golpe praticado em X”, em que X é a base, a qual se refere a parte do corpo, a origem verbal não procede. Podem ser citados como exemplares desse fato as palavras: *canelão*, *pescoção*, *cachação*. Desse modo, não se pode afirmar que o produto dessas derivações seja *heterocategorial*, visto que não há mudança da categoria gramatical em relação à base.

3.1. Agentivo

Estão presentes aqui as paráfrases “(pessoa) que X^v”, “pessoa que V X”, “pessoa que gosta de V X”, “(pessoa) que exerce atividade relacionada com X” e “(pessoa) que V em X”. Podem integrar esse grupo as seguintes palavras: *babão*, *gabão*, *mandão*, *cagão*, *briçã*, *brincalhão*, *ganhão*, *guardião*, *cirurgião*, *folião*, *espião*, *fujão*, *tecelão*, *chorão*, *beberão*, *descalção* e *rezão*.

Aqui também há a descrição do processo de mudança de categoria gramatical, já que o sufixo se liga a bases verbais, formando adjetivos ou substantivos. A ideia central contida nessas palavras é a de uma ação que é praticada (com frequência) por uma pessoa.

No livro *Morfologia Portuguesa*, de José Lemos Monteiro, é possível encontrar uma observação interessante a respeito do aparecimento dos *elementos de ligações* que aparecem em algumas das

formações desse grupo. Ele chama atenção para o fato de que os verbos de primeira conjugação dispensarem tais elementos, enquanto outros verbos tornam esses recursos como quase obrigatório. Pode-se concordar em parte com essa afirmação, já que isso ocorre em *beberão* e *tecelão*, por exemplo. Porém, *fujão* escapa a esta “regra”, já que não utiliza nenhum *elemento de ligação*. Assim como brincalhão, foge aos casos padrões. Assim, o que parece acontecer de fato, nos casos de utilização de *elementos de ligação*, é a manutenção da vogal que forma o tema verbal das palavras-base.

3.2. Aumentativo

Entram nesse conjunto as formações mais comuns do sufixo: *lobão, macacão, facão, barracão, bicão, bocão, mundão, fundão, brejão, salão, bundão, paredão, telão e panelão*.

No caso do aumentativo, é comum se sobrepõem outros valores semânticos, como o valor de intensidade ou como os avaliativos (melhorativos e pejorativos). Há casos em que esses valores apresentam-se separadamente do aumentativo, como e verá em 3.7, quando o valor de intensidade será analisado.

Merecem atenção aqui os avaliativos, que podem aparecer a partir da derivação de toda a palavra, em processos metafóricos e/ou metonímicos ou ainda podem desenvolver-se separadamente. Serão abordados exemplos do último caso, em que esse significado seja essencialmente, avaliativo. Podem-se citar como exemplos de melhorativos os vocábulos: *vidão, fardão, vinhão* e *mestrão*. Em *vidão*, a ideia não é a de “*vida grande*” e sim, de uma “*boa vida*”; *fardão* designa uma “*farda suntuosa, com valor simbólico*”; já *vinhão* se refere a um “*vinho encorpado, forte, de boa qualidade*” e em *mestrão*, tem-se a remissão à palavra *mestraço*, a qual significa “*mestre muito destre; indivíduo exímio em seu ofício*”.

Por sua vez pode-se ver o significado pejorativo nas seguintes palavras: *santalhão* “*que ou aquele que simula pureza, santidade; falso beato*”, *vinagrão* “*vinagre de má qualidade*”, *marçagão* “*o mês de março, quando o tempo é feio, e a temperatura, desagradável*”.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Deve-se ressaltar que esses valores podem variar de acordo com o contexto em que são utilizados. Assim, por questões pragmáticas, algumas palavras podem ser interpretadas como melhorativas ou pejorativas. São exemplos disso: *sabichão*, *machão*, *bonzão*, *mulherão* etc.

3.3. Coletivo/conjunto

Destinado aos coletivos e outros *nomina quantitatis* “conjunto de X”, “quantidade de X”. Esse grupo é bastante reduzido, encontrando-se aqui apenas duas palavras: *areão* e *varjão*. Deve-se ressaltar ainda que em ambas as palavras a definição dada pelo dicionário apresenta sinônimos formados a partir de outros sufixos com a mesma função – formadores de coletivo. Aponta-se como alternativa, *areal* e *vargedo*, respectivamente.

O sufixo *-al* é reconhecidamente tido como coletivo em língua portuguesa, visto nas palavras: *algodoal*, *arrozal*, *bambual*, *bananal*, *batatal*, *cafezal*, *canavial*, *jabuticabal*, *laranjal*, *mangueiral*, *milharal*, *roseiral*, *seringal* etc. Já o sufixo *-edo* é menos comum e frequente como se pode verificar em: *arvoredo*, *castanhedo*, *figueiredo*, *folhedo*, *passaredo*, *vinhedo* etc.

3.4. Diminutivo

Apesar de parecer contraditório, o *-ão*, o qual é o principal formador de aumentativo, possui alguns casos em que denota valor semântico de diminutivo. Assim como foi visto acima, o valor semântico ou traço de diminutivo também viria da noção individualizadora que teria originado o aumentativo. Inserem-se neste grupo: *pontilhão* e *esquadrão*, *cordão*. No caso dos dois últimos exemplos o traço diminutivo está implícito na acepção do verbete. Em *esquadrão*, há a descrição “*menor que esquadra*”.

Em *cordão*, palavra de origem francesa, ocorre uma modificação em relação a língua de origem. Em francês designava “*pequena porção de corda*”. Mas em português essa ideia não aparece. Tem-se a noção de que esse objeto é menor que uma corda. Atual-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

mente, o sentido mais comum desse vocábulo (*corrente que se usa no pescoço*), deixa sua formação um tanto opaca.

A formação de *pontilhão* como diminutiva pode ser explicada pela presença do sufixo *-lhão*, já que este proveio do latim *-icùla*, usado, predominantemente, como diminutivo nesta língua. Em português essa ideia permanece em algumas palavras: *casquilha*, *cigarri-lha*, *estampilha*, *pacotilho* etc.

3.5. Gentílico

A paráfrase adotada nesse caso é “que é originário/proveniente de X”. São exemplos dessa função os vocábulos: *vascão*, *catalão*, *letão*, *serrão*, *coimbrão*, *bretão*, *valão*, *aldeão*, *teutão* e *istevão*. Esse valor também aparece em grande quantidade nos verbetes do dicionário, porém, não parece ser muito frequente. Isso pode ser explicado pelo fato de haver muitos sufixos concorrentes nesta mesma função, como os afixos *-eiro*, *-eno*, *-ês*, *-ita*, *-ino*, *-ano*, *-ense*.

3.6. Instrumento

Este é um grupo parecido com os *Agentivos*, no entanto, nesses casos prevalece o traço [- humano], usado para designar “instrumento (com) que (se) X^v”, “instrumento (com) que (se) V o X”. Podem-se citar: *picão*, *esfregão* e *pilão*. Distingue-se dos agentivos pelo traço [+ humano] nele depositado.

3.7. Intensidade

Muitas vezes, o valor de intensidade acumula-se ao valor de aumentativo, assim como se viu no grupo dos aumentativos. No entanto, inserem-se aqui palavras que apresentam apenas o traço de intensidade em relação à base. Estão nesse grupo: *azulão* (tom forte de azul), *calorão* (calor intenso), *alegrão* (alegria intensa, profunda), *bastão* (muito basto; espesso, denso, abundante) e *pancadão* (pancada violenta).

3.8. Nomina essendi

Para abstratos formados a partir de paráfrase como “que é X”, o fato de ser X”, “propriedade de ser X” ou para modais do tipo “que pode X”, “que deve ser X”, “que pode ser X”. Nesse conjunto tem-se: *caladão, paradão, doidão, vermelhão, solteirão, bonitão, valentão, gostosão, gordão e pobretão*.

Esses casos são denominados por Rio-Torto como *isocategoriais*, pois não alteram a classe gramatical da base da palavra. No caso dos dois primeiros exemplos citados a base não é *calar* e *parar*, e sim *calado* e *parado*, respectivamente.

3.9. Sem alteração semântica

Aqui entram palavras que, após o processo derivativo, não apresentam modificação de seu significado em relação à base. Muito possivelmente a derivação seria recurso expressivo tão somente. Fazem parte desse grupo: *peladão, fuscão, jeitão, supetão, e trairão*. No caso de *peladão*, por exemplo, o significado da base não permite a intensificação, aumento ou gradação. Assim, não há muito ou pouco *pelado*. Já *fuscão*, designa o nome de um veículo, assim como o diminutivo, *fusquinha*.

3.10. Outros casos

Agrupam-se aqui palavras que apresentam divergências de datação em relação à palavra-base³⁰ e vocábulos os quais a paráfrase não é possível, uma vez que a derivação não é mais sentida como tal, tornando-se opaca. São exemplos do primeiro caso as seguintes palavras: *malhão* e *trancão*. Do segundo conjunto tem-se: *chão, sermão, artesão, charlatão, vão, carvão e capitão*.

Os valores semânticos que o sufixo *-ão* pode atribuir podem ser esquematizados na tabela abaixo:

³⁰ Vide exemplos da Seção 1.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Ação	<i>Noninas actionis</i>	“Ação de X”, “resultado de X”
	<i>Noninas agentis</i>	“Aquele que X”
	Instrumento	“Instrumento com que se X”
Relacional	Gentílico	“que é originário/proveniente de X”
	<i>Nomina essendi</i>	“que é x”
	<i>nomina quantitatis</i>	“conjunto de X”, “quantidade de X”
Dimensional	Aumentativo	“X grande”
	Diminutivo	“X pequeno”
	Intensidade	“X intenso”

Tabela 3- Síntese dos valores semânticos do sufixo -ão

Uma análise feita por Rio-Torto (1998: 149-173), propõem que as várias funções desempenhadas pelo -ão se devem ao fato de haver, no português, vários sufixos homônimos a este, com a mesma estrutura formal.

Como se viu aos poucos na exposição dos valores semânticos do -ão, a autora divide esse afixo em *isocategorial* (Nb > Nb ou Ab > Ab), processo visto em: *almofada* > *almofadão*; *carro* > *carrão*; *grosseiro* > *grosseirão*; *bonito* > *bonitão* etc. e *heterocategorial* (Nb > Ab ou Vb > Nb), nos vocábulos *aldeia* > *aldeão*; *cinquenta* > *cinquentão*; *escorregar* > *escorregão*; *puxar* > *puxão* etc. Para Rio-torto, os valores de ação, diminutivo e aumentativo teriam se originado do *-onem* latino, enquanto a função de gentílico proviria do *-ano*, também latino.

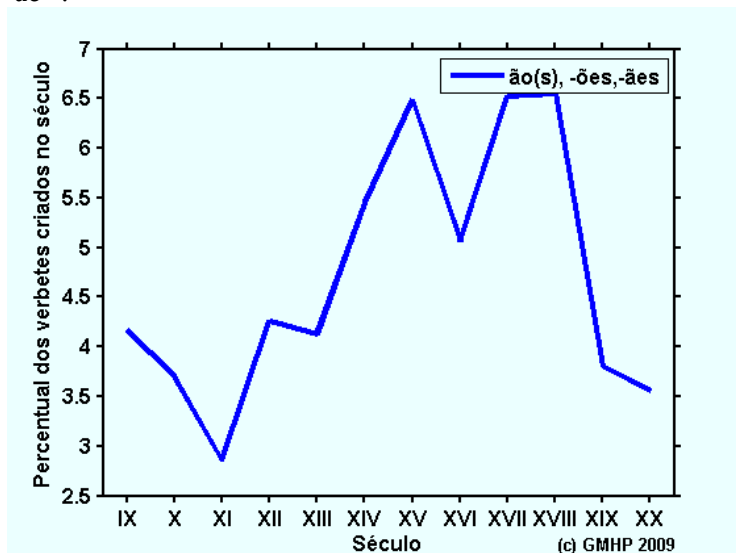
Ao analisar a origem dessas palavras pode-se constatar que de fato algumas formações de valor semântico de gentílico provêm do sufixo *-ano*, mas nem todos derivam deste sufixo. Há outros casos em que a origem aponta para *-onem*. Desses são exemplos: *vascão* (*vascònes*), *bretão* (*bri(t/t)one*), *teutão* (*teutònes*). Assim como nem todos os agentivos tem origem no *-onem*.

Outro estudo que aborda este sufixo foi realizado por Pharies e também se apoia na noção de homonímia. Aproxima-se de Rio-torto na medida em que indica a proveniência dos valores aumentativo e intensivo do -ão ao sufixo *-onem*. Mas, de acordo com este estudioso a função de *nominas agentis* e *nomina actionis* teriam origem no *-io*, *-onis*, também encontrado nos sufixos do espanhol *-ción* e *-zón*.

4. Sufixos aumentativos do português: concorrentes?

A língua portuguesa conhece uma dezena de sufixos que possuem como função a formação de aumentativos, mas nenhum conseguiu o prestígio alcançado pelo elemento formativo *-ão*. Dentre os afixos citados pelas gramáticas estão: *-aça*, *-aço*, *ázio*, *-uça*, *-anzil*, *-arro*, *-orro*, *-astro*, *-az*. É curioso que a preferência pelo *-ão* para formar nomes aumentativos não é característica do português atual. Isso pode ser percebido se se comparar o número de palavras criadas, ao longo do tempo, com *-ão* em relação aos demais sufixos.

Foram escolhidos dois sufixos para se fazer esta comparação, a saber: *-aço*, *-arro*. Os gráficos a seguir representam a porcentagem de palavras com determinado sufixo sobre o total de palavras formadas nesse mesmo século. Esses gráficos, portanto, não trazem valores absolutos do número de criação em cada século, mas sim, estão em conformidade com os vocábulos datados em determinado século. O primeiro gráfico a ser analisado será o das palavras sufixadas em *-ão*³¹.



³¹ Ainda que esse gráfico represente todos os significados do *-ão*, *-arro*, *-aço* e não apenas o valor aumentativo, esses dados permitem algumas reflexões a respeito desses sufixos.

Figura 1 - Valores Relativos: -ão(s), -ões, -ães

De acordo com a Figura 1, é possível perceber que nos séculos XV e XVII o sufixo *-ão* apresenta seus picos. Deve-se ressaltar que no século XVIII esse sufixo mantém sua porcentagem de criações em relação ao século anterior. Tomando como base esses picos do gráfico, vê-se que o afixo em questão apareceu em pelo menos 6,5% de palavras que foram criadas nestes séculos. Isso significa que de todas as palavras criadas ou datadas no século XV, por exemplo, 6,5% desse total apresentavam esta terminação.

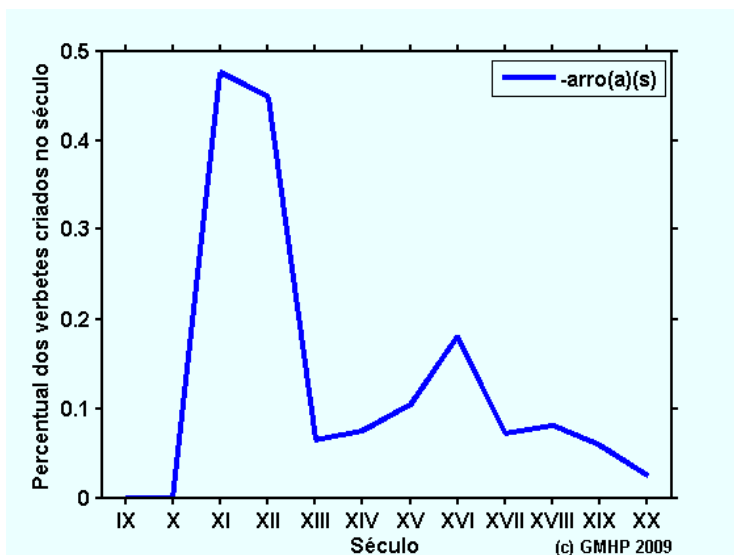


Figura 2- Valores Relativos: -arro(a){s}

Na Figura 2, o pico atingido pelo sufixo *-arro* ocorreu no século XI. No século seguinte pode-se observar uma ligeira queda e, posteriormente, já no século XIII a queda é mais brusca. Vale ressaltar que o pico, nesse caso, não excede 0,5%, isto é, em seu momento mais produtivo, o sufixo *-arro* está em apenas 0,5% dos vocábulos criados neste mesmo século.

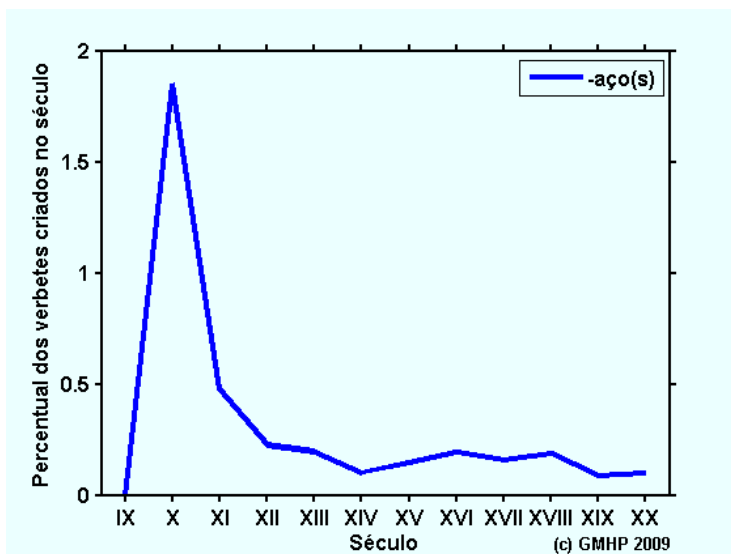


Figura 3- Valores Relativos: -aço(s)

Já o terceiro gráfico, Figura 3, mostra que o pico do sufixo *-aço* ocorre no século X, não possuindo outros picos relevantes. Assim, pouco mais de 1,5% das palavras datadas neste século apresentavam o afixo *-aço*. É possível perceber também que o número de palavras com o sufixo apresenta relativa estabilidade a partir do século XIV.

Após a análise dos gráficos acima apresentados, pode-se afirmar que o sufixo *-ão* é o mais produtivo, em relação aos elementos formativos comparados, em todos os séculos. Vale ressaltar que o pico da Figura 1 atinge 7%, enquanto *-aço* apresenta 2% e *-arro* 0,5%. Assim, a grande produtividade do *-ão*, frente aos outros sufixos, pode indicar sua preferência na formação dos nomes aumentativos.

5. Considerações finais

De acordo como foi visto ao logo deste estudo, o sufixo *-ão*, apresenta vários significados (*ação*, *agentivo*, *diminutivo*, *intensidade*, *coletivo*, *instrumento*, *gentílico* e *nomina essendi*), e não deve,

portanto, ser resumido em uma única função, a de aumentativo, ainda que esta seja sua função mais produtiva. Além dos valores semânticos desempenhados por este sufixo, há ainda traços que dão nuances a esses significados, como os de *intensidade*, *melhorativo* e *pejorativo*. Ocorre também, algumas vezes, de esses traços aparecem de forma absoluta, ou seja, independentes dos outros significados.

Viu-se também que a diversidade semântica desse elemento formativo se deve ao fato de haver, pelo menos, dois sufixos com a mesma estrutura formal, o que caracteriza a homonímia. As formas que teriam originado o *-ão* atual seriam: *-onem* e *-anu*. Apesar de muitos estudiosos filiarem a primeira forma aos aumentativos e ao valor de ação e a segunda aos gentílicos e aos valores relacionais, percebeu-se que essas formas acabaram por se influenciar mutuamente, gerando polissemia.

Foi possível verificar ainda que, mesmo havendo muitos sufixos com função coincidente a do *-ão*, este acaba sobressaindo-se em produtividade, como se viu na comparação com dois desses sufixo (*-aço* e *-arro*). As Figuras 1, 2 e 3 mostraram que a terminação *-ão* sempre foi a mesma produtiva em todos os séculos, já que possui a maior porcentagem de criações com esse elemento. Dessa forma, os sufixos são concorrentes ao *-ão* apenas na teoria.

Outros estudos acerca da frequência de uso desses elementos serão desenvolvidos, e assim, será possível fazer considerações quanto ao uso dos sufixos formadores de aumentativo no português atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAR, Manuel; POTTIER, Bernard. *Morfologia histórica del español*. Madrid: Gredos, 1983.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas de la vida cotidiana*. Madrid: Cátedra, 1995.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica*. Lisboa: Clássica, 1945.

PHARIES, David. *Diccionario etimológico de los sufijos españoles*. Madrid: Gredos, 2002.

RIO-TORTO, Graça Maria (org). *Verbos e nomes em português*. Coimbra: Almedina, 2004.

RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia derivacional*. Coimbra: Porto Editora, 1998.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

TEKAVIČIĆ, Pavão. *Gramática stórica dell' italiano*. Bologna: Il mulino, 1980. 3 vol.

VIARO, M. E. Os sufixos portugueses numa visão diacrônica. In: XVI Seminário do Cellip (Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná), 2005, Londrina. *Anais do XVI Cellip*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina/Cellip/Fundação Araucária, 2005.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.